

A TRAJETÓRIA DE INSERÇÃO DOS GUARDADORES DE CARRO NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA

Cristovão de Oliveira Braga*

Thássia Cristina da Silva Soares

RESUMO

Este artigo aborda profundas alterações desencadeadas pelo neoliberalismo, as quais flexibilizam as formas de trabalho tornando-os precários. Como consequência dessas transformações este trabalho analisa o desenvolvimento da atividade informal no Brasil, especificadamente, os guardadores de carro do município de Juiz de Fora que garantem sua sobrevivência submetendo-se a essa forma desprotegida e precária de trabalho.

No decorrer do artigo será exposta uma pesquisa realizada com este público que além da desproteção legal, a exemplo, o trabalho informal sofre com a desproteção social e outras inúmeras formas de exclusão.

Palavras-Chave: Neoliberalismo, reestruturação capitalista, guardadores de carro

A classe trabalhadora nos últimos anos vem sofrendo inúmeros ataques como a mundialização do capital, o avanço neoliberal e as novas formas de superação da crise do capital. Alguns autores vaticinam o fim do trabalho e da classe trabalhadora diante das profundas transformações no mundo do trabalho. A partir do processo de globalização desencadeado pelo neoliberalismo o trabalho sofre algumas modificações, ao mesmo tempo que se encontra flexibilizado torna-se precário, assumindo formas diferentes daquelas propostas pelo modelo taylorista, a exemplo dos guardadores de carro que para garantirem sua sobrevivência submetem-se a formas desprotegidas e precárias de trabalho, quando quase sempre são pessoas desqualificadas para assumirem outros tipos de cargos na sociedade, seja por falta de acesso à educação ou mesmo pela falta de emprego existente atualmente.

Segundo Antunes (1999), está havendo uma diminuição da classe operária industrial

* Graduandos do oitavo período do Curso de Serviço Social da UFJF.

tradicional, e conseqüentemente está se efetivando uma expressiva expansão do trabalho assalariado, devido a ampliação de trabalho no setor de serviços; verifica-se uma heterogeneização do trabalho, pois o contingente feminino tem crescido no mundo operário; ocorre também uma subproletarização intensificada, já que houve uma expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado e “terceirizado”. Está havendo portanto uma processualidade contraditória, em que o resultado dessas transformações é o desemprego estrutural, que vem atingindo todo o mundo.

De acordo com a tendência de vários autores pode-se chegar a conclusão de que há uma nítida redução do proletariado fabril, industrial e manual, seja pela decorrência do quadro recessivo ou pela função da automação, da robótica e da microeletrônica.

Paralelo a este movimento ocorre a subproletarização do trabalho que é uma forma de trabalho vinculada à “economia informal”, tendo em comum, essas categorias de trabalhadores, a precariedade do emprego e da remuneração; a regressão dos seus direitos sociais e a ausência de proteção e expressão sindicais, pois atualmente “a tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores ‘centrais’ e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos” (ANTUNES,1999: 39).

Em sua consecução, o capitalismo se valeu da mundialização da economia, da reestruturação produtiva, do retorno ao mercado auto-regulado, da flexibilidade e conseqüentemente à precarização das formas de trabalho. Surgindo a partir daí, as mais variadas formas de trabalho atípico, sazonal, temporário, parcial, subcontratado, terceirizado, vinculados ao setor informal da economia. Entre as novas ocupações criadas pela massa de “desempregados estruturais” para garantir sua sobrevivência, encontram-se os catadores de papel, vendedores ambulantes, trabalhadores domésticos (entendidos como aqueles que se utilizam de sua

residência para fabricação de doces, salgados, artesanato, etc.), os guardadores de carros ou “flanelinhas”, entre outros.

Giovanni Alves (2006) aponta que a precariedade do trabalho atinge de forma diferenciada algumas categorias profissionais que perderam seus direitos trabalhistas ou tiveram seu estatuto flexibilizado nos últimos anos obedecendo a sistemática do modelo de política neoliberal seguido pelo mundo capitalista.

Essas diversas categorias de trabalhadores têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, bem como a ausência de proteção e expressão sindicais, configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial.

Hoje, a maioria das ocupações são precárias com perda da identidade dos trabalhadores que se tornaram mais individualistas. Dalbosco (1999) destaca isso como sendo reflexo das novas formas de organização de trabalho através da reestruturação produtiva que tem como base a acumulação flexível.

O referido autor apresenta as características nas quais dizem respeito ao Brasil. Ele aponta a industrialização brasileira associada ao mercado internacional a partir da substituição das importações - denominada por ele como o modelo de “desenvolvimento para fora”. Além disso, menciona a não existência de uma tradição sindicalista que impusesse um maior caráter de regulação referente a proteções no mercado de trabalho e a não ruptura entre o modelo agro-exportador e industrial, permanecendo assim o conservadorismo. Essas particularidades colaboraram para uma intensa concentração e baixa incorporação da mão-de-obra. O país por ser economicamente subdesenvolvido sentiu ainda mais os reflexos da reestruturação produtiva e abertura comercial no final dos anos 1980.

Para explicitar melhor como as novas formas de trabalho estão se expandindo e atingindo parcelas cada vez maiores da população, realizamos uma pesquisa sobre a situação dos guardadores de carros no município de Juiz de Fora. O grupo de pesquisa se formou durante

a disciplina de Pesquisa Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para a realização desta pesquisa foram elaborados três questionários distintos, um direcionado aos guardadores de carros, com questões que pudessem auxiliar na definição do seu perfil e trajetória de inserção no mercado informal de trabalho, outro para a população a qual se destina seus serviços, e, por fim, aos donos de estabelecimentos próximos à área de atuação dos guardadores de carros.

A escolha da região para a aplicação dos questionários levou em consideração as limitações temporais e espaciais. Como essa ocupação é encontrada em diversas regiões da cidade, o grupo usou como critério de escolha da região o adensamento, isto é, os locais ou regiões em que sua concentração fosse maior. De acordo com levantamentos prévios, observou-se que as regiões com maior adensamento tinham um estreito relacionamento com o funcionamento de bares, restaurantes e clínicas, onde circulam um número significativo de pessoas e carros. Restringiu-se, então, a pesquisa na área central e sul da cidade, porém, não abrangendo todas as ruas devido ao tempo escasso para a sua realização.

A amostra da pesquisa atingiu um público de dezoito guardadores de carro, nove usuários – donos de carros abordados pelos “flanelinhas” – e oito donos de estabelecimentos comerciais ou seus respectivos gerentes.

A amostragem revelou ainda que os entrevistados são eminentemente do sexo masculino, pertencentes a uma faixa etária entre os dezoito e cinquenta e um anos. Onde se pode concluir que esses dados refletem em boa parte a situação de desemprego gerada pela desproletarização do setor industrial, com a diminuição do operariado tradicional e a ampliação do assalariamento no setor de serviços.

De acordo com Carvalho (1990), o setor informal é consequência da concentração de mão-de-obra nos grandes centros urbanos que na maioria das vezes não é absorvida, ou quando o contrário ocorre, é mal remunerada. Isso acaba obrigando os trabalhadores a buscarem fontes alternativas de geração de renda, o que pode ser o caso daqueles que atuam como guardadores de carros. Também é abordada a relação de subordinação do setor informal ao capital, o que

acaba implicando no nível de desenvolvimento do referido setor. Para Carvalho, o setor informal é apenas uma forma de diminuir a pobreza, mas não de eliminá-la. O trabalho informal muitas vezes é considerado uma atividade complementar, o que não pode ser generalizado, pois muitas pessoas têm a atividade informal como única fonte de renda.

O grupo considerou relevante uma análise da estrutura familiar dos guardadores de carros. Pode-se constatar que seus pais e mães ocupam atividades bastante variadas, mas que se encontram no final no campo das profissões com menor remuneração na sociedade. As profissões mais recorrentes dos pais estão no âmbito da instalação e manutenção de edificações, construção civil, carpintarias, pavimentação, vendedores entre outras. A partir das análises de seu histórico familiar, é possível perceber que as pessoas que estão inseridas no mercado informal respectivo aos guardadores de carro possuem um histórico familiar de inserção profissional em atividades subalternas ou precarizadas, o que pode ser um dos determinantes para a situação atual dos guardadores de carro que em relação à escolaridade do universo de dezoito entrevistados apenas três chegaram ao ensino médio, onze pararam no ensino fundamental e quatro não passaram do no ensino básico. Desta forma, a falta de qualificação exclui cada vez mais esses indivíduos do mercado formal de trabalho, fazendo com que a história familiar de inserção precária se perpetue e se agrave.

Com relação ao emprego formal, 5,7% possuem emprego formal e estão nesta ocupação pra complementar a renda familiar, 55,5% já tiveram inseridos no mercado formal e hoje se encontram fora desse universo. O restante dos entrevistados, isto é, 38,8% nunca trabalharam com carteira assinada.

A questão racial apareceu como destaque entre os dados analisados. O expressivo percentual de indivíduos que se autodeclararam negros evidencia a necessidade de políticas afirmativas para essa parcela da população que ainda não superou os séculos de opressão e expropriação. Dos entrevistados, 77,7% se declararam negros, 16,6% deles definiram-se como pardos e 5,7%, ou seja, um dos entrevistados se declarou branco.

Os guardadores de carros de Juiz de Fora são provenientes em sua maioria da própria cidade, mas há também aqueles que vieram para a cidade por motivos familiares e profissionais e hoje estão inseridos neste mercado de trabalho. Dos entrevistados, quatro são de outra cidade

de Minas Gerais e dois são de outros estados como Rio de Janeiro e Pernambuco. Quatorze deles possuem vínculo familiar, ou seja, moram com a família e todos têm casa própria situadas em regiões periféricas da cidade.

Com base nos dados obtidos, o estado civil dos “flanelinhas” se situa desta forma: dois são casados, doze solteiros, três amasiados e um separado. E dos dezoito entrevistados dez possuem filhos. Este fator é relevante para o entendimento da sujeição desses trabalhadores a formas precarizadas de trabalho e a baixos salários. Tendo como base o salário mínimo vigente, constatamos que onze guardadores de carros alcançam no final do mês uma renda inferior a um salário e que apenas seis deles superam esse valor. Isso revela que a atividade exercida pelos guardadores de carro é de baixa remuneração.

No município de Juiz de Fora não foi detectada nenhum tipo de organização formal entre os guardadores de carros e quando perguntados se existe alguma liderança entre eles, 94,4% dizem não existir. Entretanto, o grupo pode perceber a existência de um certo tipo de liderança entre eles, mas essa organização se dá de forma informal.

Segundo os guardadores de carros a prefeitura da cidade já procurou alguns para cadastramento, porém este foi abandonado. Posteriormente, a polícia também iniciou um cadastro, mas não foi realizado nenhum tipo de organização focalizada nesse público.

Em média, os guardadores de carros trabalham com uma carga horária de oito horas aproximadamente, e seis dias por semana. Os dias e horários variam de acordo com a região da cidade e a movimentação nos bares, como por exemplo, na parte central, onde eles trabalham durante o dia em horário comercial devido ao funcionamento das clínicas e das lojas. Já na região sul, sua atuação é mais freqüente durante a noite e a madrugada, por causa dos bares e restaurantes.

Segundo eles, existem pontos fixos de trabalho e esses pontos são divididos, repassados ou até mesmo comprados. Apesar disso, dos entrevistados, 71,43 disseram que não há rivalidade na demarcação desses territórios.

A incerteza de trabalho é uma das dificuldades apontadas pelos guardadores de carros, pois não tendo carteira assinada e fazendo parte de um mercado informal, não estão protegidos pelas leis trabalhistas. Outras dificuldades também foram assinaladas como baixa remuneração,

o frio e a chuva, a falta de banheiros, agressões psicológicas por parte dos usuários, intimidação por parte da polícia, pois esta profissão “não é vista com bons olhos”, segundo G. B.

Quando perguntado se já sofreram algum tipo de intimidação ou agressão a maioria dos guardadores de carro declararam que sim. Sendo que disseram que os usuários foram responsáveis pelo fato, enquanto quatro deles atribuíram aos policiais a responsabilidade, e somente um relatou tratar-se do dono de algum estabelecimento. Este dado evidencia que 61,1% dos guardadores de carro já sofreram alguma intimidação ou agressão por parte da sociedade, número acima da média e que revela a intolerância da sociedade perante esta parcela vítima do processo de reestruturação produtiva.

Em Juiz de Fora ocorre atualmente um visível e acelerado aumento do número de estacionamentos o que nos levou a pensar que seria uma preocupação por parte dos guardadores de carros e que isso poderia colocar em risco sua ocupação, porém ao lermos esta questão até eles, 61,54% disseram que o crescimento de estacionamentos não ameaça a sua ocupação, em contrapartida 38,46 disseram que sim, que este aumento pode incidir sobre o número de carros nas ruas e conseqüentemente na sua ocupação.

De acordo com relato dos “flanelinhas”,- termo pejorativo mas comumente usado por eles próprios - se houvesse uma organização, 100% deles disseram que participariam e que com certeza esta só traria benefícios. Desta forma, fica explícita a vulnerabilidade desta profissão informal que a cada dia cresce mais, não apenas em nossa cidade, bem como em todo país, e fica também exposto que estes trabalhadores são conseqüência de todo um processo que atinge a sociedade.

Esperamos que esta pesquisa contribua para o elucidamento de questões controversas sobre a atividade dos guardadores de carro, bem como fomenta a discussão na sociedade sobre o aumento do trabalho informal e precário e a inépcia do Estado em propor soluções para esse segmento da sociedade.

THE ENTRY OF CAR GUARDIANS INTO THE INFORMAL WORKFORCE IN THE MUNICIPALITY OF JUIZ DE FORA

ABSTRACT

This article examines profound alterations as a result of neoliberalism, which brought flexibility to forms of work, thus making them precarious. As a consequence of these transformations, this study analyzes the development of informal activity in Brazil, specifically, car guardians of the city of Juiz de Fora who guarantee their survival by subjecting themselves to this unprotected and precarious form of work. The article presents a study conducted with this public, who, in addition to the lack of legal protection, suffer from the lack of a social safety net and from other countless forms of exclusion.

Key-Words: Neo-liberalism, capitalist reorganization, car guardians.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, G. *O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo, Boitempo, 2006.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do trabalho*. São Paulo, Cortez, 1999.

CARVALHO, V. *O Serviço Social e o Setor Informal*. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, Cortez, ano X, nº 32, p.5-17, maio 1990.

DALBOSCO, E. *Os desafios de compreender o trabalho informal*. *Ser Social*, Brasília, n.5, p.189-220, jul.-dez.1999.